

AÇÃO DIRETA

MENSARIO ANARQUISTA

Diretor: JOSÉ OITICICA

Redação: AV. TREZE DE MAIO, 23 - 9.º ANDAR - SALA 922

Administrador: MANUEL PERES

ANO 11 - N.º 114

Rio de Janeiro, Janeiro e Fevereiro de 1957 PREÇO: Cr\$ 2,00

Registro SI/P-214 de 8-3-194

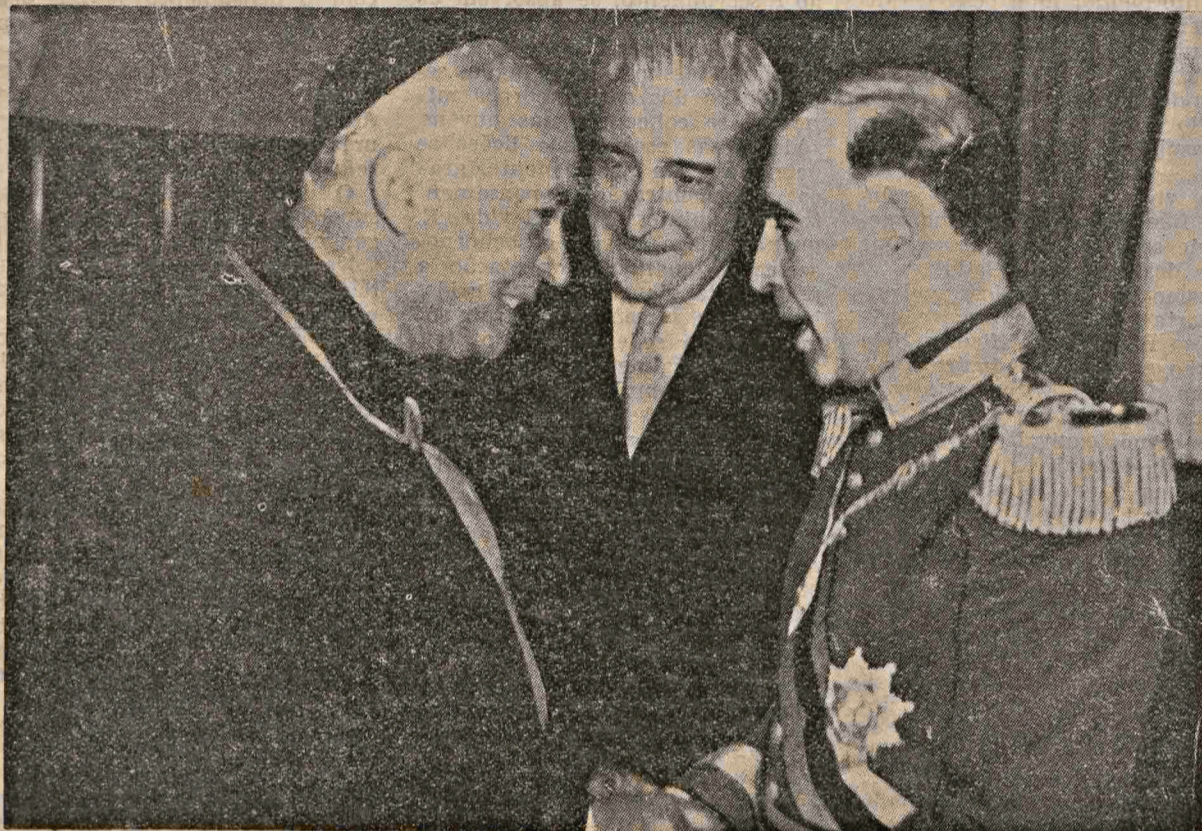
A VOZ DA OVELHA

TEXTO PAG. 4

Sanguessugas Portuguesas

Guerra de Políticos

Por VARLIN



Ao comemorar o 30.º aniversário do seu assalto ao poder, o fascismo português fez circular neste martirizado país a estampa que hoje reproduzimos, representando o enlace sinistro do Cardeal Cerejeira, Salazar e Craveiro Lopes, ilustrando a estampa a legenda seguinte: "As três mentalidades máximas da nobre nação Lusitana".

Portugal, oprimido pelo ditador Salazar e seus lacaios, é hoje uma sucursal aberta das aves de rapina do Vaticano e do bando militar opressor, constituindo a tenebrosa aliança fascista-militar-clerical, ultraje assombroso aos valores intelectuais do país e esmagadora da independência e liberdade do povo português, vivendo sob o domínio da mentira e da violência retratadas nesta expressiva gravura e na legenda que a acompanha.

Há 30 anos que um frio sópro de morte à Liberdade, vindo das cavernas do Vaticano paira sobre Portugal e afronta o pensa-

mento do mundo livre e com o mais cruel despotismo nos cerca de opróbrio, suprimidos todos os direitos humanos a que têm jus os povos civilizados e progressivos.

A gravura que publicamos diz tudo: Portugal, esmagado por uma tirania sem precedente, é um país entregue às garras das hienas da "Santa" Igreja Católica que, com o seu ódio ao pensamento livre e à ciência, derruba racionalmente os seus adversários e todos os obstáculos à sua ação de sanguessuga dos povos oprimidos. E' assim o obscurantismo católico, desde que se tornou Senhor Absoluto de Portugal, depois da espantosa invenção de Fátima, tem tentado traiçoeiramente aniquilar toda cultura e ciência que revelam a Verdade ao povo, mantendo, há 30 anos, a imprensa amordaçada sob o regime abominável de uma censura fêrrea, só própria dos tempos da Inquisição, afastando do ensino Mestres e pedagogos distintos, — verdadeiras e únicas "Mentalida-

des Máximas da nação Lusitana".

Mas, os iluminadores de Autos de Fé e as hostes bárbaras da Espanha, com todo o seu revoltante sistema de terror policial e apesar da miséria cruaante, em que o povo português, vive, vergado à maior tirania da sua História, não obstante toda a sua dolorosíssima tragédia, não têm conseguido aniquilar a revolta surda que termina em todos os corações deste povo sofredor, que caminha com os olhos fitos no que de mais apreciado existe para a humanidade — a Liberdade e o Bem-Estar.

Não virá hoje o dia em que a grandiosa festa do povo húngaro em prol da sua liberdade, tenha a sua repercussão no povo ibérico para se libertar do monstruoso pesadelo em que, há anos, o mantêm os seus opressores?

Alvares da derrocada do fascismo em Portugal, 1956.

UM DE VÓS

Nunca é de mais comentar as arruaças dos políticos quando entre si disputam leis como as do "Chevrolet" e outras servindo-se dos votos de uma multidão faminta e ignorante. O povo vive, na sua quase totalidade, superficialmente. Não usa do cérebro, utiliza os músculos na medida em que a luta pela vida o exige. Raramente reflete ante os acontecimentos nacionais ou internacionais. Serve-se da cabeça dos outros para pensar por ela. Tal é a ignorância dopovo em relação à realidade das coisas, que chega a afirmar quando os jornais noticiam a construção de um bairro para operários: "Este governo está fazendo alguma coisa por nós", sem reparar em que as obras feitas custaram 4 vezes mais que o seu justo valor.

Aparece uma rua calçada, constrói-se uma escola e logo um letrado atribui a um vereador ou deputado o grandioso feito. O povo não analisa que quem construiu tais obras foram operários seus companheiros de infortúnio, e que a verba para o pagamento já havia saído três ou quatro vezes para o mesmo trabalho desaparecendo em seguida como fumaça; não raciocina que esse dinheiro é contribuição do seu esforço cotidiano, arrancado pelas autarquias em forma de descontos e impostos. Melhora a estrada de ferro, aparece mais carne no mercado, dessem os preços: tudo foi o governo quem deu. Pobre povo. Não vê que o político não é senão um interessado em perpetuar a vida miserável do salariado para que assim possa dirigi-lo como a um rebanho. Não observa com que cinismo deputados ditos trabalhistas, submetem à aprovação da Câmara a lei "Chevrolet", para que cada parlamentar possa importar um automóvel ao câmbio oficial (129 contos), quando tantas coisas são precisas para abastecer a população faminta e não há divisas. Claro que não há para comprar petrechos agrícolas, para possibilitar abundância nos mercados, auxiliar o pobre agricultor e baratear o custo da vida, porque lá estão os políticos latifundiários ou seus defensores a impedir tal medida.

O povo precisa, afirmam eles, de

ser sacrificado para ser submisso. A miséria possibilita raramente a revolta do estômago, mas nunca a da consciência, e a primeira acaba com a barriga cheia, enquanto a segunda é interminável. Precisamos manter o povo ignorante (dizem entre si os políticos) para que acreditem que temos o direito de importar carros a 129 contos e vendê-los a 800 contos, preço atualmente no mercado, ganhando assim, em cada um, 671 contos que darão para, na próxima campanha eleitoral, comprar mais votos. Isto faz revoltar os mortos e os vivos ficam pasmados, com a maior calma deste mundo, ao saber de tudo isso, e mais, quantos milhares de cruzeiros custaram, ao povo que trabalha, essas sessões para que a lei "Chevrolet" fosse aprovada! E' o desafio aos miseráveis para a revolta. E' um escárnio à miséria daqueles que viajam em cima das máquinas dos trens ou dependurados nos vagões, que são empurrados como bois para o matadouro, num percurso de 20 ou 30 Kms. Mas, o povo, de cérebro embotado pelo Estado e pela Igreja não raciocina além daquilo que contava seu avô: "O rei é mau; mas, se vier outro, pior; por isso damos graças para que esse continue vivendo". A guerra dos políticos, os coices e os palavrões trocados no teatro das comédias "Parlamentares", são motivados por atritos pessoais ou partidários e não para defender, na pior das hipóteses, um mínimo de regalias para o trabalhador. Esse é a eterna vítima, que dificilmente desperta ante a realidade dos fatos.

No ano de 1954, três milhões duzentas e nove mil cento e oito pessoas frequentaram os campos de fott-ball no Distrito Federal e só frequentaram a Biblioteca 63.702 pessoas. Por estes dados se observa que o povo corre para o pior lado cultivando a ignorância, a estupidéz, em vez de fazer de si mesmo uma personalidade consciente capaz de saber viver sem ser guiado, aos puxões, pelos cocheiros do Estado.

Trabalhador! Assalariado! Repara para ti mesmo, que és forte e sabes trabalhar, que entendes de teu ofício, mas que te deixas dirigir, quantas vezes! por indivíduos que nada conhecem e nada sabem. Esses audaciosos conseguiram, à sombra da lei e do dinheiro um alvará que lhes permite explorar-te, enquanto tu cruzas os braços e nada dizes e nada sabes. Não é a revolta de fera sanguinária que te aconselhamos mas a do homem consciente que sabe colocar, no mesmo nível, os direitos e os deveres. Os políticos pretendem que sejas medroso e obediente, pois só assim poderão viver a tua custa e à deus teus. Repara em que cada sessão da Câmara dos Deputados custa à nação 400.000 cruzeiros, e como tu, trabalhador, é que fazes trabalho produtivo, já vês que és quem pagas aos arruaqueiros que elegestes. Repara em que, para votar o orçamento de 1957, foram gastos com

Deputados, só em 19 sessões extraordinárias, cerca de Cr\$. 16 000 000,00, isto segundo o Jornal Última Hora de 23-6-56. Nota agora esta notícia do mesmo jornal, secção "Cidade aberta": "Cinco mil cariocas vivendo na lama — Vila Rangel, sem esgotos com um canal cheio de horripilantes imundices — tifo, a doença local — 1.400 crianças sem escolas — viveiros de mosquitos transmissores de várias doenças apesar do lugar visitado por candidatos a vereador às vésperas de eleições". Ora, esse jornal como se sabe, é órgão oficial do governo e quando mostra o fracasso da política tudo vai mal e bem mal. Para nós é mais uma confirmação de que

(Cont. na 2.a pag.)

ANARQUISTAS E BOLCHEVISTAS

Por JOSÉ OITICICA

Os artigos de Octávio Brandão revelam, meridianamente, a diversidade patente do caráter, métodos e moral de um anarquista comparado a um bolchevista.

Queixa-se amargamente dos chefes e chefetes do partido onde predominou sempre a prepotência acintosa, onde sempre vingaram "dois pesos e duas medidas" (artigo de 11-XI-56) "Para uns confessa ele, o incenso, a idolatria e a superestimação, ao passo que, para outros, o descrédito a insidia e a chalaca; para uns o culto à personalidade até o delírio, ao passo que, para outros o mais profundo desprezo aos direitos sagrados da personalidade humana".

O ingênuo Brandão desconhece que isso sucede em todos os regimes totalitários e até em todo partido político, onde se exija alguma disciplina, ou dura disciplina, isto é, obediência, mais ou menos cega, de subordinados a subordinantes com castigos infligidos, pelos mandões aos escravos. Os castigos são sempre os mesmos: repreensões, advertências, suspensões, expulsões ou, frequentemente no partido de Stálin, prisões duras, expurgo, morte rápida ou lenta.

Essa disciplina, que os bolchevistas alardeavam ser fêrrea, gera antolhos. O subordinado cria para si mesmo, o vício de obedecer, de agachar-se, de inferiorizar-se, o hábito do lambe-pés. Seu

temor ao relho, ao cenho duro do chefe, o pavor de incorrer na ira ou censura do amo, vai-lhe infundindo o gosto proveitoso de agradá-lo, de merecer dêle um olhar benévolo, uma reles palavrinha de elogio, que pode, muitas vezes, ser mão na cara.

O totalitarismo gera invariavelmente o servilismo.

Por isso, é da mais risível beocice vir Brandão delatar-nos as tremendas injustiças dos chefões no execrando Partido Comunista

Bem feito! Se houvesse permanecido anarquista, homem independente, que se impõe ao respeito dos companheiros, que não tolera disciplina imposta por tiranos, mais ou menos salafárricos, não se teria humilhado aos coices dos jumentos.

Essa marca do escravo tivemos, nós anarquistas, de presenciar, enojados, nas prisões de S. Paulo e Rio, onde quer que nos metia a polícia em contacto com presos bolchevistas.

Esses desgraçados mantinham na masmorra o mesmo vício da disciplina. Essa disciplina a chicote obrigava-os o pôrem, no coletivo, tudo quanto recebiam de fora ou mandavam comprar. Para ter um cigarro, um doce, uns biscoitos,

era-lhes necessário autorização do chefe, do mais graduado entre os presos.

O mais irritante era a rigorosa separação mantida por eles quanto aos anarquistas. Nada ofereciam a estes nem dêles recebiam.

Indignavam-se os anarquistas com aquelas reservas idiotas entre homens presos por um governo burguês impopular e opressor. As circunstâncias indicavam, ao contrário, a maior solidariedade entre os oprimidos, entre os adversários do mesmo poder estatal. Mas, os bolchevistas aliam-se facilmente com os mais antinômicos partidos; odeiam, porém, de morte, os anarquistas, precisamente porque estes não são partido político, nem se aviltam a obediências indecorosas. Entretanto, outro é o caráter anarquista. Durante a revolução contra Bernardes, nós, anarquistas não considerávamos a cor do preso; ajudávamos a qualquer dêles até criminosos comuns, que a balbúrdia policial misturava conosco.

Para ilustrar este artigo, revelei um episódio.

Em 1924, estávamos em luta contra Bernardes. Sete meses passei na Ilha Rasa. Em 1925, março ou abril, fomos transferidos, após a fuga de Macedo Soares, para a

(Cont. na 2.a pag.)

Para Maior Glória de Satanás

Por Pedro Botelho Junior

Onde há dinheiro há padre. — Os Estados Unidos da América do Norte são considerados o cofre forte internacional, onde se guarda o dinheiro surripado aos países sub-desenvolvidos e o dos "tubarões" das negociatas e trapações nacionais e internacionais. Como onde há dinheiro, há padres, os católicos romanos, hábilmente secundados por pastores das seitas protestantes, estão envidando esforços para penetrar bem a fundo na gamela do Tesouro Yanqui. Assim é que a construção de igrejas naquele país, continua em nível recorde, tendo sido gastos 219 milhões de dólares em tais construções, somente nos primeiros 4 meses de 1956, calculando o Departamento do Comércio norte-americano que o total gasto até o fim do ano não findo atingiria 850 milhões de dólares. Os líderes religiosos calculam que, nos próximos 10 anos, serão gastos 7 bilhões de dólares, no maior programa de construções da História, se... antes desse período, acrescentamos nós não houver um cataclisma de consequências imprevisíveis dado o avultado número de aparelhos de destruição e de foguetes teleguiados estocados nos arsenais do exército norte-americano. Que Satan, meu pai espiritual, nos ouça e procure fazer com que o perigo fique circunscrito ao país de origem e aos locais pré-estabelecidos para a construção das igrejas, pelos que acreditam na misericórdia divina e... no Paraíso Celestial e os leve todos para... o Inferno.

Morreu um jesuíta confessor — Em dezembro p/fimdo faleceu nesta capital um padre jesuíta, classificado como um dos mais assinalados "batalhadores" da causa dos jesuítas no Brasil. Veio para o Rio de Janeiro em 1950 e, devido ao seu estado de saúde, passou a "trabalhar" como confessor, "atividade" que, na opinião de seus superiores hierárquicos, marcou o ponto alto de sua vida, pelo zelo demonstrado no "espinhoso" ofício. Cerca de 3 mil pessoas, particularmente mulheres, passavam mensalmente pelo seu confessional, fato que o tornou "popular" entre o belo sexo. Pedro Botelho Junior, ao ter conhecimento da "perda irreparável" para a Igreja do tão prestimoso soldado de Cristo, lembrou-se de ter lido n' "A Velhice do Padre Eterno", de Guerra Junqueira, algo interessante, dedicado aos jesuítas, que vale a pena ser recordado neste momento quando parte para junto do "Comandante em Chefe dos Exércitos Celestiais", um soldado disciplinado e de atuação eficiente. E' o seguinte: O' jesuítas, vós sois de um faro tão astuto, tendes tal corrupção e tal velhacaria, que é incrível até que o filho de Maria não seja ainda velhaco e não seja corrupto andando há tanto tempo, em tão má companhia!

QUEM SERÁ CAPAZ DE CONSEGUIR A UNIÃO DE TODAS AS RELIGIÕES? NEM DEUS — Conheço radialista desta capital Alzira Zarur, está em vias de conseguir que a sua campanha para a formação da "Legião da Boa Vontade" (uma organização a mais para regenerar os homens e as mulheres de todas as idades e com todos os seus vícios, como se isso fosse possível no atual regime capitalista) seja coroada de êxito dada a quantidade de indivíduos de todos os matizes que responderam à sua chamada, espetacularmente feita através das ondas radiofônicas de uma estação especialmente contratada para esse fim. Não gostou e bradou com todas as suas energias contra tão poderoso concorrente. Sua Eminência Reverendíssima o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara. Por sua vez, a Fraternidade Eclética que trabalha arduamente para entrar na marmitta da coligação religiosa, assim se manifestou sobre o assunto:

Sua Eminência Reverendíssima o Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro — Igreja Católica Apostólica Romana — declarou-se radicalmente contrário à união de todas as religiões. *mutatis mutandis* é claro. Através do seu programa "A Voz do Pastor", nesse dia, declarou que a Igreja de Roma jamais admitiria de tal coisa, porquanto "tal milagre nem Deus poderia realizar, porque se assemelha à quadratura do círculo". Ora, meditando sobre o assunto chegamos à conclusão, inapelável

de que, de duas, uma: ou esse Príncipe da Igreja não mediu bem a extensão de suas palavras, ou então, é de um ateísmo empedernido!

Porque não é crível que um espiritualista, da responsabilidade de um Cardeal-Arcebispo, ponha qualquer restrição ao Todo-Poderoso Senhor de Todas as Coisas, que é Onipotente, Onisciente e Onipresente.

A quadratura do círculo talvez seja impossível para nós, simples vermes que rastejamos pela Terra. Para Deus, jamais!

Comentário: quando um Cardeal afirma que nem Deus conseguirá a unificação de todas as religiões colabora ativamente na desintoxicação mental da raça humana: as religiões não são piores nem melhores, são todas ruins. E o Cardeal sabe disso... "mas não quer dizer. Entretanto sabe que Deus e seus servos, os altos dignitários da Igreja, são incapazes de fazer milagres e, quando alguém os faz, eles os atribuem ao diabo. Mas nós acreditamos que, se o diabo pudesse fazer milagres, seria para acabar com todas as religiões, mandando seus propagandistas para... o Inferno.

E OS BARRACÕES DA PRAIA DO PINTO CONTINUAM ARDENDO. — Enquanto os moradores da favela da praia do Pinto aguardam a terminação dos apartamentos prometidos pelo urbanista de batina e cuja terminação estava prometida para antes do fim do ano passado, os barracões continuam ardendo, com uma sincronização perfeita, tão perfeita, que parece haver alguém, com plano organizado, para destruir todos os "barracos" antes que a urbanização da favela termine. Quase todos os incêndios de favelas ocorridos nos últimos meses têm a Praia do Pinto como ponto de referência. Um jornal desta capital que não morre de amores pela Igreja dos irmãos Câmara, "O Nosso", noticiou o seguinte em sua edição de setembro último

O Governo precisa tomar urgentes providências quanto à questão das favelas. Pelo menos, destacando um carro do Corpo de Bombeiros para cada uma, a fim de que não se repitam as catástrofes ultimamente verificadas.

Isto porque, embora saibamos que aqueles barracos devam ser destruídos, construindo-se para a seus moradores casas higiênicas e condignas, não se justifica que sejam devorados pelas chamas assim de sopetão, violentamente.

Aliás, esses incêndios, pela sua repetição sistemática, não estão sendo visto pela população carioca com bons olhos. Por isso é que já se anda murmurando...

Após a publicação da nota acima, outros incêndios se verificaram: Que nos diz disso tudo, D. Hélder? Se os incêndios continuam no ritmo em que vão, o samba que escreveram em sua homenagem terá que ser modificado na letra para estar de acordo com os acontecimentos, pois até a chegada do Carnaval que se avizinha já não existirá mais um barracão naquela favela. A letra, então, deveria ser a seguinte, para ficar atualizada:

A letra original é a seguinte:

Obrigado, reverendo Deus lá no Céu está vendo A nossa gratidão. Acabou meu sofrimento, Você fez apartamento, Em lugar de barracão. E a favela diz bem alto: Quem traz o morro p'ro asfalto Tem o nosso coração.

Ai, ai!, Só vendo, reverendo Só vendo quanta alegria Ai, ai! Só vendo, reverendo Só vendo, no olhar de Maria.

Deve ser emendada para:

Cuidado Reverendo Cuidado, reverendo Deus lá no Céu está vendo A nossa rebelião. Aumentou meu sofrimento Você não fez apartamento E queimou meu barracão E a favela diz bem alto: Quem troca o morro p'ro asfalto Anda com tapeação

Ai, ai! Só vendo, reverendo Só vendo quanta tristeza Ai! ai! Só vendo, reverendo Só vendo, o olhar de Teresa!

Discernimento e Concentração

O cultivo de uma atitude discernidora do bem é de suma importância para quem queira desenvolver sua personalidade. Busquemos sempre o bem; ainda que se ache oculto, saquemo-lo à luz. Não há cousa de que não possamos tirar boa lição.

Enquanto o fiscal sempre acha culpa (se o acusado ia depressa, diz que fugia e se andava devagar pretende que disfarçava), o advogado dá jeito sempre de ressaltar algo em sua defesa. "Eu também não te condeno" disse o grande defensor à mulher casada e, no fundo daquela alma, pôs o desejo de começar vida nova.

Quanto melhor uma pessoa, tantos menos defeitos vê nos demais e, quanto pior é, mais falhas acha nos outros. Assim sucede porque o mundo externo em nós ressoa segundo a qualidade de nossa matéria espiritual. Há quem só veja o mal... do próximo — Quão penoso é viver a seu lado! — e há quem fixe o pensamento no melhor de seus semelhantes — Que paz se desfruta a seu lado! —

Livremo-nos da crítica vulgar, que corta as asas da alma e cria um peso morto que dificulta toda ascensão espiritual. Adquiramos o costume de uma atitude discernidora do bem. Discernimento vem de dis-cerno, equivalente a separar o bem do mal.

Dizei-me o que admirais e dir-vos-ei quem sois ou o que vireis a ser. Há quem, a força de olhar o torto, acaba vendo com um olho só. Esquecem-se dos raios luminosos e caloríficos do sol para ocupar-se apenas com suas manchas. Em seus balancezes só se anotam os déficits: o ativo deixam em branco. Esses têm um nome: *maldizentes*. Quão dignos são de lástima! Ignoram quão formoso é admirar o bem. A brecha por onde se escapa o minguado bem que possuem certas pessoas é a maledicência.

Admiremos, pois, quanto enobrecer-se se veja o mal sem buscá-lo. Cultivemos a admiração à beleza moral.

CONCENTRAÇÃO — Consiste em concentração em focalizar todo o

var-se-ia que é a maior perda de riqueza mental.

Para fazer um trabalho infatigável e profundo, há de um só pensamento potente predominar sobre todos os demais até impor-se dono único no reino da mente. Não é outro o segredo de quantos nos assombra pela quantidade, como pela qualidade prodigiosa do seu labor.

Os raios do sol, quais chegam à terra, produzem, geralmente, moderado calor; mas se, por meio de uma lente, se concentram em matéria inflamável podem acender uma fogueira. Isso é o que passa com o pensamento: se se deixa errante, nunca aumentará seu poder, mas, focalizado com toda a energia de que é capaz, encontrará iniciativas e decifrárá enigmas. Atemos pois o pensamento em uma cousa como o canudinho no refresco até sorvê-lo todo.

O diamante não se formou à superfície. Antes de poder refranger, em múltiplas cores, a luz do sol sofreu transformações profundas em temperaturas elevadíssimas. O carbono se concentrou, se purificou e se cristalizou. Igualmente, a concentração psíquica produz diamantes de pensamento puro cristalizado, os quais, para quem aspira a vida superior, mais valem que todos os diamantes minerais.

As lembranças sentimentais do passado, as atrações do presente e os sonhos gloriosos do futuro, hão de ir-se arrouinando à medida que apareçam, desde que não tenham de ser objeto de meditação.

Temos de manter firmes também as rédis da imaginação. A vontade há de domar a imaginação e forçá-la a andar pela rota pretracada.

Nada obtém deixando-se a pessoa arrastar por imaginação exaltada e sem rumo.

Só se consegue viver num mundo irreal carregando-se com carga de dados falsos e ilusórios, exaurir a inteligência até desequilibrá-la momentaneamente e levar a escolhos a nau da personalidade.

Anarquismos e Bolchevistas

(Cont. da 1.ª pag.)

estivera no Supremo, defendendo um recurso para ser solto. Comuniquei a Josias que facilmente seria com alguma audácia, escapular da polícia ao entrar ou sair do Tribunal, na Avenida Rio Branco. Expliquei-lhe miudamente o que tinha de fazer.

Josias foi logo transferido da Ilha das Flores para o Rio e meses passaram-se sem notícias, até que estourou a nova auspiciosa: ao entrar no Palácio da Justiça Josias conseguiu safar-se dos seus guardas. Meu plano surtiu o esperado efeito.

Em agosto de 25, fui solto. Aqui fora, tomei a mim a manutenção do jornal clandestino 5 de julho composto e impresso numa insignificante máquina por Bernard Conelas, outro bolchevista vítima da política de quadros (a cousa é muito velha).

Uma noite, bate-me à porta, o professor de inglês Carneiro Leão irmão de Josias. Vinha recorrer a mim. Josias estava escondido em sua casa com todos os perdigueiros na pista. Já tinham ido fuçar-lhe em casa, mas não deram, por verdadeira sorte, com o refúgio de onde Josias nem o nariz expunha. Mais dia menos dia, dariam com o mano. Todas as saídas do Rio, ele verificara, estavam guardadíssimas. Teria eu um meio de salvar Josias das garras policiais?

— A cousa mais fácil do mundo, respondi-lhe.

— Como assim.

— Irei ver Josias amanhã. Espere-me a tal hora. Combinaremos tudo e Josias fugirá do Rio sem o menor risco ou contratempo. No dia seguinte, vi Josias e assentamos o plano: Josias, num automóvel, iria com o irmão, para minha casa. Lá dormiria; de madrugada, um sobrinho meu levar-lhe-ia, às quatro horas, camisa e calção de remador num Clube de Regatas. Indiquei o ponto exato

esquina da rua Lopes Trovão, em Niterói, em que um emissário entregaria a Josias a roupa de andar e a mala de viagem. Josias atravessou a baía como patrão de um barco e azulou para o Espírito Santo.

A condição bolchevista de Josias não me vedou, a mim anarquista odiado pelo Partido, prestar-lhe duas vezes, o elementaríssimo dever de ajuda. O Estado persegue; o anarquista é inimigo número um de qualquer Estado. Libertará pois das grades infames do Estado qualquer prisioneiro seu, ainda os mais avessos do anarquismo, padre banqueiro, delegado ou bolchevista.

Octávio Brandão escreve no citado artigo: "Os quadros, os militantes são a alma viva do P. C. Constituem a parte permanente e fundamental dos membros do P. C. seus lutadores, combatentes, batalhadores. São o contrário dos elementos passivos, incertos, flutuantes".

A conclusão de Octávio deveria ser esta: "Bem fazem os anarquistas que, reconhecendo serem seus militantes a alma viva do movimento anarquista, não lhes tolhe a ação, a iniciativa, o arrôjo combativo sujeitando-os às ordens quase sempre idiotas, de um imbecil ou ignorante, elevado a postos de mando por caminhos nem sempre decentes".

E eu gritarei aos ouvidos surdos do infantil Brandão que ouviu as lábias e as tretas do manipulador Astrogildo: "Bem feito! Brandão Aguenta, meu velho, as patadas dos teus chefes! Sabias que, para os anarquistas, só a liberdade é criadora. Por isso, os anarquistas não aceitam imposições de ninguém. Entendem-se para a ação comum e cumprem seus acordos porque não são passivos, nem incertos, nem flutuantes, nem juraram obediência cega a nenhum

senvergonha, seu superior. Os anarquistas não admitem superiores. Isso é para soldado ou monge. Os anarquistas prezam as calças que vestem; não usam batina, não envergam farda, não delegam seus poderes nem sua vontade. Não são cavaladuras, são homens.

Essa a grande diferença entre eles e os desmoralizados bolchevistas.

Guerra de Políticos

(Cont. 1.ª pag.)

O governo é um nome de que se servem alguns políticos des-governados em prejuízo de uma população. Mas, acompanhemos a notícia do mesmo jornal do dia 26-12-56: "Dracena, município da alta paulista, sitiada pela fome. Invasida a cidade pela onda de famintos e maltrapilhos".

Por aqui, trabalhadores, podeis verificar que, enquanto os vereadores, deputados e ministros ficam aos coices e a chamarem-se V. Excia. é burro e burro é V. Excia. e consumindo 400 mil cruzeiros por cada sessão no parlamento os famintos invadem as cidades e o povo dos subúrbios vegeta no lodo fétido e gerador das mais graves doenças contagiosas. Por seu lado o "Semanário" de 16-8-56 em letras berrantes anunciava: "Existem mais de um milhão de crianças esfomeadas por culpa do governo".

E tudo isso continuará enquanto vivermos a reboque dos políticos que se escoiceiam uns aos outros, hoje, para provar-se que o presidente da República que enviou ao Congresso uma lei para silenciar a imprensa é ou não o "Campeão da Democracia"; amanhã para justificar as arbitrariedades dos policiais que espancam o povo indefeso que protestou contra o aumento dos bondes; e, depois, para justificar que nascemos para servos dos que nada fazem. Mas, nunca para nos defenderem.

O Jornal do Brasil por Dentro e por Fora

Grupo de operários dispensados, em visita à nossa redação

Já tivemos oportunidade de divulgar em uma de nossas edições anteriores que a empresa jornalística do "Jornal do Brasil" enveredou por um caminho torturoso em relação ao tratamento dispensado aos seus clientes e aos operários que ali trabalham. Como as despedidas têm aumentado consideravelmente e ainda não terminaram, numerosa comissão, composta de alguns dos muito prejudicados, resolveu tornar público o seu protesto, o que fazemos por nosso intermédio, através de uma exposição verbal feita a um dos nossos redatores. Timbraram em assinalar que nos procuraram por saber que aqui encontraria agasalho o seu descontentamento pois a imprensa diária, por uma questão de ética jornalística, mal interpretada, não tem querido "molestar" a citada empresa, cuja direção se acha entregue atualmente a um superintendente forrado de futuro herdeiro dos haveres do jornal e membro da diretoria do Sindicato dos Proprietários de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro. Por todos esses motivos e por estar dentro de nossos princípios doutrinários e defesa intransigente de todos os trabalhadores, vítimas de violência e perseguição, damos agasalho em nossas colunas ao protesto que nos foi solicitado e que está exposto em linguagem simples, mas expressiva, como só os trabalhadores sabem fazê-lo. Com a palavra, pois, os reclamantes que, pela ordem, assim se manifestaram. Um dos componentes da comissão disse-nos:

"Deixando para trás, sem o menor resquício de saudade, o ano que findou, todos nós, trabalhadores, procuramos fazer um balanço das nossas atividades e pôr em execução os planos organizados para 1957, de maneira que estes procurem corresponder às exigências da vida atual e às dificuldades que se antepõem à sua realização".

Cita-nos, em seguida a frase que se segue:

"Tanta gente fala em operário, sem conhecer o operário... Tanta gente resolve, rapidamente, os problemas sociais ou os elimina, negando radicalmente a sua existência, como se a negação de um problema fosse uma solução... Mas acontece que os trabalhadores, salvo raras exceções, têm

uma consciência viva de dignidade humana. Repugna-lhes serem tratados como instrumentos. Não lhes sobra tempo para indagar profundamente a origem desse sentimento, nem lhe analisam o conteúdo filosófico e moral, mas sentem em toda a sua realidade que existe um princípio fundamental. Ante essa consciência de dignidade humana, sofrem eles da condição de inferioridade em que o proletariado está colocado..."

E continua: "A citação que acabamos de fazer é de frei Sebastião Tauzin, o. p., e, dado o seu sentido realista, aplica-se com muita propriedade à situação predominante atualmente na empresa gráfico-jornalística do "Jornal do Brasil".

Todos os que ali trabalham, velhos e moços, estão vivendo um ambiente de inquietação motivada pela atitude assumida pelo atual superintendente, por sinal, o "chefe" menos indicado para exercer cargo de tanta responsabilidade, pois lhe faltam todas as qualidades necessárias para o seu desempenho, porque quando um chefe dá uma ordem a um empregado, deve saber que está mandando a uma personalidade humana e quando paga a um operário, remunera o trabalho de um homem. Ai está a consideração que deve dominar a consciência do patrão cristão, quando trata com seus empregados. Mas não é isso o que está acontecendo no "Jornal do Brasil", sob a administração atual. Em consequência, é a firma empregadora que maior número de processos conta nos tribunais da "Justiça do Trabalho", movidos pelos que se julgam prejudicados em seus interesses e são quase todos os que ali exercem suas atividades profissionais. Casos, dos mais diversos, de infração aos dispositivos da Consolidação das leis do trabalho, deram entrada no pretório, nos últimos meses de 1956 e muitos outros entrarão no início de 1957, com frequência alarmante. Isso porque, após a morte do saudoso e compreensivo Conde Pereira Carneiro, os novos dirigentes da empresa, assessorados por ilustre advogado, com assento na Universidade do Brasil, PRETENDE modificar tudo, inclusive A MENTALIDADE dos que ali trabalham, que sempre foi de acatamento e respeito mútuo à dignidade humana e à dignidade profissional".

Outro membro da comissão assim se manifestou: "Tudo o que está acontecendo na empresa jornalística onde até há pouco trabalhávamos é feito "dentro da lei" — declaram os porta-vozes da administração. Puro engano. O que existe é uma eficiente rede de serviço informativo tão perfeita, que causaria inveja ao Inteligente Serviço inglês se lá soubessem que, no Brasil, existe uma empresa jornalística tão bem organizada... para perseguir e prejudicar os trabalhadores.

Como medida preliminar, novos chefes foram escolhidos para substituir os antigos, em sua maioria inexperientes e incapazes no desempenho das novas funções. Servem para transmitir ordens e dizer amém a tudo. Justamente o que a administração deseja, para MUDAR A MENTALIDADE dos que ali trabalham: obediência cega às ordens recebidas.

Em todas, ou quase todas as seções, foram modificados os horários de trabalho, principalmente nas oficinas gráficas, onde é maior o número de funcionários. Ali trabalha-se agora em dias feriados e de guarda, sem respeito ao horário normal e até com profissionais estranhos ao quadro profissional. Como disse anteriormente, as dispensas figuram na ordem do dia. Quem não tem estabilidade e reclama alguma coisa, já sabe o que o espera: aviso prévio e demissão. Os funcionários mais antigos que não podem ser postos no olho da rua, sumariamente, sofrem toda sorte de humilhações, são transferidos de uma função para outra, sem o mínimo respeito e consideração. Os atos de provocação repetem-se constantemente, com o objetivo de criar desentendimento e possíveis incidentes e assim poder dispensá-los sem a mínima consideração.

Até nas assembleias de nosso sindicato é assunto obrigatório comentar-se desfavoravelmente a atitude dos atuais dirigentes da empresa rádio-jornalística.

Um exemplo, bem significativo, do que ocorreu naquela empresa, durante o ano de 1956, é o seguinte: no mês de maio, a administração lançou uma preparação psicológica entre seus empregados com a colaboração ostensiva de funcionários graduados, para que fosse aceita como liberalidade da empresa, a gratificação, em dinheiro, de trinta e seis vezes o va-

lor das contribuições mensais ao Instituto. Em troca, os empregados que, até aquela data, não eram descontados dos seus salários para a Previdência Social porque fazia parte integrante de seus contratos de trabalho, passariam a sofrer esses descontos (com a nova taxa alterada), inclusive o do seguro em grupo e o do imposto sindical, que a empresa sempre pagara. Com esse passe de mágica (transação de direitos, conforme consta dos documentos pelos beneficiados), a S. A. "Jornal do Brasil" conseguiu pôr em prática uma diminuição substancial nos salários de todos os empregados que aceitaram tão esdrúxula proposta".

Por último, todos foram unânimes em afirmar: "Os tempos mudaram e a mentalidade dos nossos dirigentes do matutino da Avenida Rio Branco adaptou-se rapidamente aos processos modernos para perseguir os que ali trabalham. Quando anunciam alguma iniciativa com aparências de benefício, os beneficiados podem ter a certeza de que é mais uma humilhação profissional e um corte nos salários em perspectiva. O fato de ter preparado um acordo com os seus empregados para tirar-lhes os benefícios que vinham gozando há tantos anos demonstra claramente as intenções maquiavélicas e sobretudo desumanas de quem orienta aquela próspera empresa jornalística. É oportuno e vale a pena recordar, neste momento, o que o "Jornal do Brasil" publicou em sua edição de 13-6-1956, e fazer um confronto com o que se pratica ali atualmente contra os trabalhadores: "Longe de querer agora retirar dos operários o que liberalmente se lhes concedeu. Advogados, tão somente, um reajustamento que equacione, em seus justos limites, direitos e deveres... Infelizmente a tirania que o dinheiro exerce é tão grande e as consciências mesmo cristãs são inconscientemente tão penetradas pelos preconceitos, que já não se pode confiar nas palavras e promessas de quem quer que seja, pois quase sempre trazem uma traição em perspectiva".

Para finalizar, os reclamantes afirmaram: "Pelo exposto, chegase à conclusão de que entre as palavras e atos praticados pela atual administração do "Jornal do Brasil" há uma distância bem grande. E nós, gráficos, precisamos tomar atitudes firmes e decididas para defender os nossos direitos, consubstanciando nossas reivindicações dentro do lema mundialmente adotado por todos os trabalhadores livres da tutela governamental: "a obra dos trabalhadores deve ser feita pelos próprios trabalhadores".

FURTAR POUCO

Outro dia li uma notícia que me deixou impressionado. Ao passar pela avenida iluminada, um infeliz, cujo nome não menciono, viu em determinado estabelecimento uma pilha de latas de manteiga em exposição. Contemplou-a detidamente e, num instante, tirou uma das latas e meteu-a no bolso saindo a correr sob os gritos enfurecidos de pega ladrão! pega ladrão!

Tinham-no observado naquela postura dramática de quem hesitava diante da oportunidade, que se lhe oferecia, de poder lambusar um pão com aquela gordura gostosa, proibitiva para o pobre.

Quando o desgraçado avançou na mercadoria já estava perdido. Preso, foi depois julgado e a Justiça de uma terra, onde passeiam sua importância impunemente tantos milionários ou bilionários feitos de uma hora para outra condenou o pobre homem a 2 anos de reclusão, findos os quais será transferido para a Colônia Agrícola; aí permanecerá mais dois anos como medida de segurança. Além disso, terá que pagar quinhentos cruzeiros de multa! Somente depois será posto em liberdade.

Achei a condenação verdadeiramente terrível e fiquei a meditar quanto mais cuidadosos seriam os ladrões que infestam as nossas ruas, se todos os juizes fossem tão rigorosos quanto esse, o qual puniu de maneira fora do comum o incauto que se deixou levar pelo desejo de sentir o sabor daquele ingrediente fatídico.

Ocorreu-me lembrar o famoso inquérito feito pelo procurador Miguel Teixeira, no Banco do Brasil, logo após a posse de Getúlio Vargas; as enormes falcatruas em torno da Cexim e outras siglas semelhantes; as Comissões de Inquérito da Câmara dos Deputados; os assaltos à mão armada sei lá! uma porção de coisas que não precisarei enumerar, tão vivas estão elas na memória de toda gente.

Os grandes latrocínios caem no esquecimento, seus beneficiários vivem por aí montados nos "Cadilacs". O casquinha que furtou uma lata de manteiga, esse não! Esse foi para o cubículo por dois anos outros dois de trabalho forçado na Colônia, e, ao cabo, quinhentos cruzeiros de multa!

Verifica-se desse modo que furtar pouco é péssimo negócio. Furtar muito, sim, porque quem denunciar sofrerá as consequências. — All Right

(Do "Correio da Manhã", de 24-12-956).

Sobre o Apêlo

1. Os que não militado nestes quarenta anos podem, nesta segunda metade do século, discernir um dos mais tremendos panoramas da história. Creio mesmo não ter havido outro equivalente, a não ser, talvez, a invasão dos hunos no quinto século.

Tão assobstantes têm sido as convulsões destes quarenta anos que é de espantar não tenham sido mais radicais as mudanças de todos os valores.

Isso não se deu pelo seguinte. Como Bakúin demonstrou, onde haja dois Estados possantes haverá guerra e tão mais catastróficas serão elas quanto mais armados estiverem os Estados. Esse conceito de Bakúin verificou-se em 1914; reconfirmou-se em 1939 e prossegue vivo, prenunciando outra maior calamidade por haver agora dois blocos estatais, armados como nunca.

Entre os dois grandes Estados em 1914, e contra os dois, havia apenas os anarquistas a mostrarem o perigo e ensinando aos povos o meio único de conjurar as horribéis ameaças.

Nossa voz ia crescendo pouco a pouco e dificilmente iam os trabalhadores, a massa proletária compreende nossa mensagem e ação.

Por mil meios, mentiras, subterfúgios e opressões, obstavam os grandes grupos capitalistas à nossa propaganda. A falta de recursos por um lado e a poderosa resistência burguesa, por outro reduziam nossa propaganda a um mísculo expediente. Só mesmo a evidência das nossas acusações e a tenacidade dos nossos incomparáveis lidadores anarquistas, sua capacidade e abnegação lograram

constituir, no mundo inteiro, essas bases de ataque antiburguês que são os sindicatos revolucionários.

2. Defrontavam-se, portanto, dois monstros estatais, capitalistas, prontos à descompassada refrega. Todos os chamados partidos políticos, longe de conchamar as massas trabalhadoras civis ou militares, contra a guerra imminente, apoiavam os Estados e levavam, de um lado e de outro, à conflagração.

Ante os dois monstros, repitamos, só havia o anarquismo pigmeu, destemido, mas desarmado

Deu-se o embate dos monstros. A luta gigantesca os enfraqueceu muito e essa fraqueza permitiu que o anarquismo oriental, o russo, embora pequenino, abatesse o colosso do tzarismo. E neste ponto, precisamente, devemos nós anarquistas, localizar nossa grande, nossa máxima tragédia. Já no início do movimento anarquista, o capitalismo compreendeu o grave perigo, o perigo número um: o anarquismo. Este não cogitava de formas do Estado; este proclamava, alto e bom som a destruição do Estado. Importava, pois, ao capitalismo, reforçar o Estado, torná-lo invulnerável às pedradas de David. Golias, o gigante, suscitou Karl Marx. Sob as aparências de amplo movimento revolucionário, a social-democracia era uma instituição deliberadamente conservadoríssima. Em vez de solapar a máquina de defesa e opressão, o Estado, aprimorava essa máquina, centralizava mais suas manobras, estendia muito mais seus tentáculos dominantes, acerrava-lhe desmedida-

mente as garras constritoras e assassinas.

Karl Marx foi a salvação do capitalismo burguês. Foram seus cúmplices, Lênin e Trótzki, os manipuladores da infame traição que, em 1917, já consumada a vitória anarquista, lograram destruir a obra ingente dos de Cronstadt, dos regimentos de Moscou e sobretudo dos insurretos da Ucrânia com Makhno à frente.

Não fossem os bolchevistas, defensores do Super-Estado, a ação de Makhno teria, em poucos anos, tomado vulto, crescido, vingado. A repercussão, no mundo inteiro, teria sido irresistível. A sociedade anárquica deparar-se-ia em ponto grande. Calcule-se em larga escala uma instalação das coletividades palestianas!

Em vez disso, havendo o bolchevismo triunfado com todas as gafeiras do politiquismo deslavado e opressor, instaurou-se, no cenário imenso da Rússia, o capitalismo estatal, com chefes, dinheiro, exército, polícia secreta burocracia, leis e decretos, cadeias e expurgos, campos de concentração e degredos para a Sibéria. Depois, o mais desbragado russofilismo. Só a Rússia prestava; só os sábios russos eram gênios; a ciência só progredia com os russos; artistas, só na Rússia; progresso, apenas na Rússia; chefes só Lênin e depois Stálin.

Com este, alçou-se o maior tirano da história. O ideal humano de liberdade foi implacavelmente destruído. O anarquismo russo foi sufocado, garroteado mas não anulado.

Esse monstro novo cooperou na ascensão de Franco. Sustentou assim o capitalismo italiano de Mussolini, o capitalismo alemão de Hitler, o capitalismo francês, inglês, americano e tutti quanti

Com isso, perseguiu, assassinando, sem complacência, os mais significativos valores anarquistas de Espanha. E fez isso deliberadamente, consciente do seu papel de verdugo, para eliminar os defensores únicos da liberdade integral.

Com a mística revolucionária tão veementemente alardeada mal pior causou esse execrável partido: empolgou o proletariado mundial que ouviu a sereia mentirosa e se deixou encangar na carroça soviética de onde fácil não seria alijar o jugo.

Em todos, os países, o Partido Comunista, com férrea disciplina,

foi desviando os trabalhadores para o curral soviético e perseguindo, com mentiras, calúnias derrotistas sórdido, os anarquistas já duramente sacrificados.

A ação dos bolchevistas foi para o anarquismo verdadeiramente calamitosa. Aos companheiros búlgaros ouso pedir acurada atenção para a apreciação do caso brasileiro, bastante elucidativo. Parece-nos até milagre existir ainda, no mundo, algo sobrevivente do movimento anarquista. Essa sobrevivência é a segurança de que nosso movimento é indestrutível. Vejamos a situação no Brasil.

ANARQUISMO CEM POR CENTO

Os recentes Grupos anarquistas de ação revolucionária, fundados em França e de que demos notícia no nosso número... remetemos sua revista. Noir et Rouge, n.º 3.

Nesse número procuram pôr os pontos nos is em relação à sua compreensão do anarquismo revolucionário, acentuando sobretudo, o que supõem errado em nosso movimento.

Traduzimos aqui suas afirmações pessoais:

1. Pensamos e dizemos que, para libertários, o fato de macaquear os partidos políticos, foi profundo erro e trataremos de dizer porque nos próximos números destes cadernos.

2. Pensamos e dizemos que AÇÃO não é, por força ATIVISMO (os militantes, podem ser muito ativos nisto ou naquilo e ser seu

esforço, ineficiente e improdutivo para a ação real, hoje necessária).

3. Pensamos e dizemos que é falso querer agrupar, a todo preço, todas as tendências do anarquismo (os anarquistas de cores suaves são péso mor' para a ação revolucionária; o anarquismo eficiente ou é vermelho, ou não é anarquismo).

4. Pensamos e dizemos, enfim, e isto, para todos os libertários, inclusive nós mesmos, é claro, que é tempo, para os anarquistas, de se descartarem do paternalismo benevolente, ou, às vezes do autoritarismo quase despótico dos LÍDERES de toda casta.

Nós outros, brasileiros, muita coisa temos visto e, das lições recebidas, concluímos pela aceitação dos princípios expostos pelos companheiros franceses G. G. A. R.

Avante, companheiros! O anarquismo há de ser cem por cento!

A VOZ DA OVELHA

As religiões a granel provocam intoxicação mental.

Palestra de Frei Malaventura para os leitores de AÇÃO DIRETA

Queridos companheiros, saúde e fraternidade. Vamos começar a nossa palestra de hoje dando alguns conselhos. Para desopilar o fígado, sem ouvir ou ler anedotas de papagaio (apimentadas ou não) é suficiente folhear as páginas de um matutino carioca que se intitula católico, mas insere em suas colunas um vasto noticiário carnavalesco, especialmente na época destinada aos folguedos do rei Momo. Aos sábados, publica também, "A Voz do Pastor", palestra radiofônica que às sextas-feiras é irradiada pela Rádio Vera Cruz e que D. Jayme aproveita para agredir violentamente as outras religiões que lhe estão fazendo séria concorrência. O pastor das almas católicas, desde muito, não dorme sossegado. O fracasso religioso do último Congresso Clerical e a onda de protesto contra o embaixador das favelas não o deixaram em paz. Mas continuemos com o matutino carioca. Procurem ler a secção "Notícias Religiosas", que publica o nome e o martirólogo do "Santo do Dia" e terão a confirmação. Fantasias e coisas inacreditáveis são ali relatadas, o que dá um sabor todo especial à leitura dessa secção. Quase todos os santos são descendentes de gente rica, filhos de gente-bem da época, conforme se verifica pela descrição feita. Alguns são filhos de papais, e de altos dignitários da Igreja, pois antigamente estes, como os cardeais, bispos, arcebispos monsenhores, cônegos e padres podiam ter mulheres em sua companhia, espôsas ou amantes, sem infringir os regulamentos da Igreja. Depois, as coisas mudaram. Como sustentar os encargos de família custava e custa atualmente muito dinheiro, nós, os homens de batina, resolvemos abolir o casamento, sem contudo deixar de procurar os carinhos clandestinos do sexo oposto e, às vezes, do próprio sexo, sem outras consequências que uma fuga precipitada pela janela ou porta dos fundos, ou alguns tirinhos desses que mandam um sujeito maroto para o inferno, contra a sua vontade. Mas, com ia dizendo, quase todos os santos, quando não filhos

de padre, são descendentes de gente de dinheiro ou de boa posição social, motivo pelo qual a Igreja lhes concede as maiores honrarias, a trôco, naturalmente de boas propinas que nós recebemos com agrado e satisfação. Isto não impedia que, naquelas épocas, os santos morressem de morte violenta, sem que, à hora do suplício, aparecesse nosso Deus para salvá-los. Conta o martirólogo desses que um deles, condenado a ser assado no espêto, quando já estava tostado de um lado, se dirigiu ao carrasco e lhe disse: "Vire-me do outro lado, pois morrer assim é grande prazer para mim". Outro santo, por falar de mais sobre a nossa religião e nosso divino Mestre, numa reunião de elementos hostis, foi condenado a ficar sem a língua, o que de fato lhe aconteceu, contra sua vontade. Pois bem, depois do suplício a que fôra submetido, continuou a falar com mais perfeição. Acreditai se quiserdes, mas é assim, com essas fantasias inacreditáveis que mais parecem milagres, que se escrevem e contam as histórias de todos os santos da Igreja Católica.

Vejamos a genealogia de São Benedito, o santo prêto, a quem a raça de côr dedica sua devoção, e a Igreja Católica descreve de maneira a mais depreciativa e humilhante, pois, como se verá a seguir, por ser de descendência plebéia, não mereceu o mesmo tratamento dos santos com pedigree. São Benedito era filho de um casal de escravos, oriundos da Etiópia. Como era prêto e pobre, sua biografia não mereceu maiores atenções. Tanto assim, que é apresentado de maneira humilhante e causa espanto não tenha surgido até agora um movimento de protesto e de revolta dos próprios católicos, principalmente pessoas de côr, contra a diferença de tratamento dada ao santo prêto. Tudo nos leva a crer que o referido santo tenha sido glorificado apenas com finalidade mercantil, para explorar a ignorância de grande número de seres humanos de descendência africana que ainda acreditam nas mentiras da Igreja.

"São Benedito (conforme é apresentado em folhetos distribuídos nas igrejas desta Capital, especialmente a que tem o seu nome) chamado o Santo Prêto, nasceu na Sicília, provincia da Itália. Era

filho de um piedoso casal de escravos. Tal foi o conceito de santidade que, no seu tempo, gozou, que, no Capitulo da Ordem Franciscana, foi eleito Superior do Convento, apesar de leigo, analfabeto e de côr prêta, filho de escravos. Foi de admirável prudência no governo da Comunidade. Foi também mestre de noviços. Apesar de ignorante, dava lições aos sábios, aos teólogos e estadistas que o vinham consultar... Toda a vida deste humilde franciscano, LEIGO E PRÊTO, foi um tecido de milagres. Foi canonizado pelo Papa Pio VII". Vejam a insistência de chamar a São Benedito LEIGO E PRÊTO. Perguntem os ouvintes-leitores: Como é que a Igreja e seus dirigentes consentiram em elevar à santidade um leigo, analfabeto, ignorante e ainda por cima, prêto? Só podia ser por esperteza, sabido como é que a gente de côr existente no Brasil se eleva a milhões e ainda não conseguiu emancipar-se completamente do embrutecimento e ignorância a que foram submetidos pelos monges franciscanos que aqui aportaram com os escravos, procedentes da África e das colônias portuguesas de além mar.

Para terminar: Quase todos os Santos, são ilustres, nobres e descendentes de boa família, inclusive os que vieram ao mundo por obra e graça do Espírito Santo, isto é, fabricados clandestinamente no interior das sacristias e dos conventos. Por isso não se deve acreditar em Santos e muito menos nas histórias dos mesmos. Há necessidade urgente de combater esses embustes, tão profusamente disseminados pelos católicos romanos entre as populações de pouca ou nenhuma instrução e os orientadores das diversas religiões já existentes e de outras que vão aparecendo. Umas são subvencionadas pelo capital norte-americano, outras, têm em vista arrecadar dinheiro para manter uma estação de rádio, cujo organizador já se considera ditador, com plenos poderes neste e no outro mundo. Destina-se a estação a propagar o espiritismo, tão nefasto e prejudicial como as outras religiões, pois todas elas propagam que procuram preparar as almas para ter direito a um bom lugar no Reino Celestial. A Legião da Boa Vontade procura conquistar, através das ondas hertzianas, uma legião de contribuintes. As outras religiões também. E com esses processos desonestos, todos vamos vivendo a vidinha que pedimos a Deus Nosso Senhor. Amém.

No Paraíso de Salazar

XVI

SALAZAR AJUDA A MANTER A PODRIDÃO DO VATICANO

Fala-se de Salazar (homem que se endeuza como Stálin) como dum profeta ignorante ou dum soldado covarde. Que distância o separa do fundador da nacionalidade portuguesa, que, de espada em punho, fez tremer padres, bispos e cardeais, quando estes se desviavam do terreno da evangelização. O Salazar permitiu o estabelecimento da sucursal de Roma em Portugal, para que um novo Tetzel, como na cidade alemã de Wittenberg, surrupie, com ajuda do céu, as riquezas da Terra. Salazar quer colaborar com o "calvário de atrocidades, sacrilégios, escândalos e corrupções", como chamou ao Vaticano, o padre português Guilherme Dias, em seu livro: "Vozes da História". Mas para que o leitor melhor conheça a podridão de Roma à qual Salazar se aliou, para eternizá-la, citarei mais algumas linhas, do livro do referido padre, a pag. 163: "Roma converteu-se na capital da devassidão; era ali que se reuniam as belezas feminis para satisfazer a luxúria dos cortejos do Pontífice; de toda a parte acudiam ouro, riquezas, produtos de largos impostos com que se onerava a receita, abria-se público comércio (que ainda persiste hoje) de indulgências e perdões. Fazia-se um negócio vergonhoso em nome do Cristo do Calvário.

Assim enriquecida, Roma era o "rendez-vous" do mundo inteiro. Contavam-se, nesse tempo, 45.000 cortesãs inscritas nos registros do Vaticano, pagando cada uma um imposto especial. Quando o pontífice queria recomensar um prelado por serviços extraordinários, dava-lhe, como prebenda, 100 cortesãs, escolhidas. Essas princesas dos vícios eram mais estimadas e preferidas do que as prostitutas de Atenas e de Corinto. Deslumbravam pelo seu luxo e pela sua beleza, ofuscando completamente as damas da mais alta aristocracia romana. Entre as mais afamadas, contavam-se Rosa Vamosa e Júlia Farnese. Pertenciam ambas ao cardeal Borgia e não poucas desordens se motivaram na preferência que o sátiro de púrpura dis-

pensava a cada uma delas. Chegou a tais extremos o seu amor a Júlia que a mandou pintar como Madona e adorá-la de joelhos. O cardeal Riazio era o amante de outra gentil prostituta, a famosa Terezia. Quando ela saía a passeio, pelas ruas da cidade eterna, a mula em que montava desaparecia sob pedrarias caras que a ornamentavam. O Vaticano pagava tudo. O secretário do Papa, o cardeal Beroald, era o amante de Impéria e quando esta cortezá galante foi para o céu prometido pelo seu protetor, Beroald mandou gravar o seguinte epitáfio na pedra do túmulo construído na Igreja de S. Jerônimo: "Hic jacet cortesana Impéria tanto nomine digna."

Alargamo-nos em transcrições sobre Roma, saindo do domínio de seus representantes em Portugal, com a intenção de mostrar que o Salazar é aliado dessa podridão e para lá canaliza uma boa parte do dinheiro arrancado ao pobre faminto. Para os curiosos, transcrevo uma das muitas graças da Igreja de Roma concedidas ao Salazar. Esta foi impressa em cartão e ilustrada com o retrato do tirano de Santa Comba e distribuída à população com os seguintes dizeres:

"Dr. Antônio de Oliveira Salazar. No dia da Rainha Santa Isabel, a 4 de Julho de 1937, pelas 10h. e 25m., foi miraculosamente salvo dum infamissimo atentado contra sua vida. Preces — V. Haia paz, ó Deus, pelo vosso poder. R. E abundância nas nossas casas.

V. Pelos merecimentos e preces da Rainha Sta. Isabel. R. Sede propício, Senhor, ao nosso povo.

V. Oremos pelo nosso chefe Salazar. R. O Senhor o conserve e lhe conceda longa vida, e lhe dê felicidade sobre a terra e não o abandone jamais às ciladas dos seus inimigos.

P. N. A. M. G. L. P. (Concedemos 50 dias de indulgências a quem recitar devotadamente estas preces). Coimbra, 23 de julho de 1937.

a) Antônio, Bispo de Coimbra.

Sobre organização

por MARIA KORN

(traduzido do n.º 3 de Noir et Rouge)

1. Atualmente, nas diferentes edições anarquistas assim como em alguns boletins de tertúlias ideológicas anarquistas, discutem-se certo número de questões concernentes a nossas posições ideológicas e táticas. Entre outras, a da organização.

Achamos interessante reeditar uma série de artigos já publicados em diferentes épocas sobre esse mesmo assunto, ainda que nem sempre aceitamos seus modos de ver. Pode suscitar discussão, críticas e trazer-nos algumas precisões.

O artigo que publicamos abaixo é tradução (algo abreviada) de um relatório feito por Maria Korn na conferência dos anarquistas comunistas russos de Londres, em outubro de 1906. Extraímos-lo da brochura PAIN ET VOLONTÉ, editada em Londres em 1807 (em russo).

A censura feita aos anarquistas de que não admitem organização baseia-se em duplo erro de interpretação, tanto de anarquismo quanto de organização. Uma organização deve ter dois fins principais: assegurar a solidariedade na sociedade e permitir o desenvolvimento dos indivíduos nessa sociedade. Logo, para nós, toda aspiração a desenvolvimento completo do ser humano leva inevitavelmente à aceitação de uma forma de solidariedade na sociedade, melhor e mais completa. Somos comunistas, precisamente porque somos anarquistas. Essas duas noções, em lugar de serem opostas, se completam.

A propriedade comum dos meios de produção e utilização comum

dos produtos do trabalho requerem também, inevitavelmente, as formas correspondentes de uma organização social: ainda aqui, a questão econômica está estreitamente presa à questão política.

Nosso ideal político é conhecido: são as uniões livres de comunas independentes, as associações de produção, etc. e suas federações.

Tudo isso representa certa forma de organização tal, que desenvolveria entre os homens a maior solidariedade e uma identificação dos interesses pessoais aos interesses sociais.

Essa forma de organização é a organização livre, voluntária, e acordo livre entre todos. Somos nesse ponto contra as formas centralistas, hierarquizadas e obrigatórias. A forma livre dá à união dos homens um caráter de estabilidade e aspecto mais íntimo. ... Quando se trata de um IDEAL SOCIAL muitos estão de acordo conosco: um IDEAL é algo longo e, nos sonhos, podemos tudo permitir-nos, andar onde queiramos... porque isso a nada me obriga. Ai bate o ponto: um ideal social é exigente desde já; para quem quer ser razoável, não pode haver desdobraimento, de uma parte o ideal e de outra qualquer coisa que pode ser até absolutamente contrário ao primeiro: a atividade prática.

O desaparecimento do Estado está previsto não somente pelos anarquistas, mas também, por exemplo, pelos social-democratas Para Engels, o Estado não será destruído; a si mesmo se destruirá. Demais, prevendo o desaparecimento do Estado no futuro os social-democratas tudo fazem

atualmente para reforçar os princípios estatais.

Decorre, de sua posição contraditória, uma só solução; produzir-se-á um salto do "reino da necessidade" ao "reino da liberdade" e o Estado forte passará a sua forma contrária, isto é, à plena ausência de Estado. Não podemos contar com tal milagre e pensamos ser mais justo ocuparmos de cada coisa de modo lógico e imediato. Achando nocivo o poder e a obrigação na sociedade futura, faremos, desde agora todo o possível, para aluir o poder. Conseqüentemente, não aceitaremos nenhum elemento centralista em nossas organizações (M. K. emprega a frase "nossas organizações de partido", mas imediatamente observa: "Pelo termo partido, não compreendemos um ajuntamento de pessoas submetido a um poder de um comitê central, mas um conjunto de pessoas com um mesmo fim, desejosas de lá chegar pela mesma senda").

No concernente aos meios, mudam, é claro, segundo as condições, as necessidades e a época. Por exemplo, num país, podem os anarquistas ter por tarefa urgente uma luta de guerrilheiros; em outro, atuação nos sindicatos; num terceiro, a propaganda teórica. Mas, todos esses meios de atividade não se contradizem; ao contrário, cumpre se completarem. A ausência de programa mínimo (fonte freqüente de desvios) e o acordo completo no tocante aos fins, tudo firma a unidade, unidade que não consegue medida alguma artificial.

Na organização anarquista os grupos são a base. Certo trabalho prático, sobretudo conspirante depara problemas. Num partido de tipo centralista, resolve-se o problema deste modo: no interior dos grupos mesmos, formam-se comitês ou grupos secretos, cujo encargo são esses TRABALHOS ESPECIAIS redunando sempre em papel de direção. Procedemos de

outro modo: número maior de grupos, os membros do mesmo grupo se conhecem muito bem, têm mútua confiança, mais rigorosa escolha e trabalho adaptado ao grupo...

Uma observação. Há um preconceito estranho, o de que uma organização anarquista deve ser franca, com livre entrada a todos. Isso é de todo falso...

Como se podem resolver, por exemplo, numa organização anarquista, as questões litigiosas? De certo, não será por maioria de votos porque não damos grande valor ao número. Na realidade, somos sempre e em toda parte, uma minoria (como em todo movimento revolucionário). Se a questão é de tal modo importante que os diferentes membros do grupo não podem tomar entre si compromisso voluntário, pouco importa contar mecanicamente os votos para impor uma solução. Só uma solução existe: a dissolução do grupo e reagrupamento de seus membros.

Cada grupo, quer permanente quer constituído por um trabalho dado, deve ser completamente livre e autônomo em sua atividade. Se o litígio ocorre numa questão de princípios ou no preparo de uma ação que leva a grande responsabilidade, a solução tomada é sempre obrigatória só para os que a aceitaram ou com ela concordam. Esse é o princípio fundamental de uma organização anarquica e não o devemos perder de vista.

Como concebemos nós um órgão anarquista ou um jornal de organização? Nos partidos centralistas, a questão é evidente: o órgão oficial do partido está nas mãos da maioria e a minoria tem de calar-se. Entre nós, tal solução nem pode existir. Um jornal é a expressão do pensamento e da vontade do grupo que o edita, isto é, que o considera seu órgão. Os grupos e os camaradas que não estão de acordo ou concebem de outro modo o papel de um jornal podem editar outro jornal sem que os dois jornais entrem por isso em hostili-

dade. Num partido centralista, se a minoria edita um jornal, este sempre se depara em rivalidade com o da maioria.

Considera-se habitualmente que a ausência de organização central nas organizações anarquistas leva a esta situação: cada qual por si

Tomemos ainda o exemplo de um partido centralista. Suponhamos que existe um litígio sobre certa questão. Essa divergência não desaparecerá por efeito da disciplina; será tão somente abafada. Em conseqüência, a minoria não terá possibilidade de exprimir suas concepções e todos os membros do partido, os majoritários como os minoritários, não terão possibilidade de ver como a questão se vai na prática, realizar. Ao mesmo tempo, essa discordância se acentua, leva a lutas internas subreptícias e a decomposições internas crônicas. O partido mostra unidade só exterior. Os dois lados, em vez de procurar um ponto de contacto e de acordo, afastam-se ainda mais.

Entre nós, a mesma questão resolve-se diferentemente — como por exemplo, em França, em 1890 nos sindicatos — por discussão, liberdade de ação, com experiências depois apuramento e conclusões.

Se empregarmos hoje força, de uma ou outra forma, seremos levados inevitavelmente a servir-nos dessa força para alcançar o poder.

Se, em nossos meios revolucionários e em nossas organizações contarmos hoje com a eficácia de nossas idéias e com o livre acordo continuaremos amanhã, quando for vitoriosa a revolução, a construir a sociedade sobre essas mesmas bases.

Nota de AÇÃO DIRETA. As idéias expostas nesse artigo de Maria Korn estão substancialmente resumidas no admirável artigo do companheiro argentino E. LITERRIO, já tantas vezes citado em AÇÃO DIRETA: PARA O ANARQUISMO SÓ SE PODE IR POR CAMINHOS ANARQUICOS.